

BEATRIZ MARTINS LEAL SILVA

**ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS CONSEQUENCIAIS CONTIDAS NO FILME “O
MILAGRE DE ANNE SULLIVAN”**

Palmas-TO

2015

BEATRIZ MARTINS LEAL SILVA

**ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS CONSEQUENCIAIS CONTIDAS NO FILME “O
MILAGRE DE ANNE SULLIVAN”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
elaborado e apresentado como requisito

final cumprindo as exigências do curso de
bacharel em Psicologia do Centro
Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz
Dupré Silva

Palmas-TO

2015

S
Contingências contidas no filme " O
586a
Beatriz Martins Leal Silva - Palmas,
2015

Silva, Beatriz Martins Leal
40 fls.29 cm.

Orientação: Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva
TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) Psicologia -
Centro Universitário Luterano de Palmas. 2015

1. Deficiência. 2. Contingências - Surdocega. 3.
Comportamento. I. Silva, . Ana Beatriz Dupré II. Psicologia .

CDU: 159.9.019.4

BEATRIZ MARTINS LEAL SILVA

**ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS CONSEQUENCIAIS CONTIDAS NO FILME “O
MILAGRE DE ANNE SULLIVAN”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
elaborado e apresentado como requisito
final cumprindo as exigências do curso de
bacharel em Psicologia do Centro
Universitário Luterano de Palmas
(CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz
Dupré Silva

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. M.Sc. Carolina Santin Cótica

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.Sc. Fabiano Fagundes

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a minha mãe Nilza Leal, pelo seu amor incondicional, ao meu pai Arnon Leal (*in memoriam*), pois sei o quanto ficaria feliz com mais essa conquista. Ao meu esposo Wagner, por acreditar nos meus sonhos e por compreender os meus momentos de ausência e impaciência, lembrando-me sempre de que sou muito mais forte do que penso.

As minhas filhas Gabriela Leal e Geovana Leal, que são o melhor de mim.

A toda minha família e amigos, que sem o apoio e o incentivo deles nada disso seria possível.

A minha orientadora Dra. Ana Beatriz, por sua paciência, apoio e confiança.

Aos mestres por toda atenção diária, proporcionando a ampliação dos meus conhecimentos.

As minhas amigas, que vou levar para minha vida, Ismaelita Tavares, Caroline Milhomem, Carla Fernanda e Kátia Viana, que não mediram esforços para ajudar no planejamento deste.

Por fim, agradeço a Deus, por tudo o que sou e já consegui até hoje.

Muito Obrigada!

“Nunca se deve consentir em rastejar

quando se sente um impulso para voar.”

(Helen Keller)

RESUMO

SILVA, Beatriz Martins Leal. Proposta de pesquisa bibliográfica como tema central em **Análise das contingências consequenciais contidas no filme “O milagre de Anne Sullivan”**. 2015. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2015.

Em vista das dificuldades sofridas por parte das famílias que são afetadas emocionalmente por terem entre seus integrantes alguém com algum tipo de deficiência e de seus professores, que têm dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, a proposta deste estudo foi analisar as contingências consequenciais contidas no filme “O Milagre de Anne Sullivan”. O filme conta a história verídica de uma menina surdocega e de sua professora, que luta para que ela aprenda a se comunicar e compreenda o mundo a sua volta e, com isso, seja inserida no contexto social. Assim, foi feita uma análise do comportamento dos protagonistas da história, que foram analisados a partir da ferramenta conceitual denominada análise de contingências. O filme ajuda a exemplificar como qualquer comportamento pode ser modificado a partir da interação do indivíduo com seu ambiente (físico e/ou social), ainda que existam importantes limitações.

Palavras-chave: Deficiência. Contingências. Surdocega. Comportamento.

ABSTRACT

SILVA, Beatriz Martins Leal. Proposta de pesquisa bibliográfica como tema central em **Análise das contingências consequenciais contidas no filme “O milagre de Anne Sullivan”**. 2015. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2015.

In light of the difficulties suffered by families who are emotionally affected by having among its members a person with a disability and their teachers that have difficulties in the process of teaching and learning, the purpose of this study was to analyze the consequential contingencies shown in the movie "the Miracle Worker" which tells the true story of a deaf-blind girl and her teacher, who fights for her to learn how to

communicate and understand the world around her, then to be inserted in the social environment. Therefore, an analysis of the behavior of the protagonists of the story was conducted by analyzing them with the conceptual tool called contingencies analysis. The film helps to portray how any behavior can be modified by interacting of the person with his (physical and/or social) environment, although there are important limitations.

Keywords: Disability. Contingencies. Deaf-blind. Behavior.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO	12
2.1 ANÁLISE DE CONTINGÊNCIAS	15
2.2 APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO HUMANO	16
2.3 EDUCAR	17
2.4 UM DEFICIENTE NA FAMÍLIA	19
2.5 A SURDOCEGUEIRA	20
2.6 FILME COMO RECURSO DIDÁTICO	21
3 O FILME “O MILAGRE DE ANE SULLIVAN”	23
3.1 PRIMEIRA CENA – APRESENTA O MOMENTO QUE ANTECEDE A INTERVENÇÃO DE ANNE SULLIVAN, SENDO A PRIMEIRA REFEIÇÃO COM A PRESENÇA DA PROFESSORA NA CASA DA FAMÍLIA KELLER	25
3.2 SEGUNDA CENA – O MOMENTO DA PRIMEIRA INTERVENÇÃO DE ANNE SULLIVAN	26
3.3 TERCEIRA CENA – CASA DO BOSQUE: MOMENTO EM QUE ANNE E HELEN FICAM SEM A PRESENÇA E A INTERVENÇÃO DA FAMÍLIA KELLER	28
3.4 QUARTA CENA – MOMENTO EM QUE ANNE E HELEN RETORNAM À CASA DA FAMÍLIA KELLER	30
3.5 QUINTA CENA: O MILAGRE – MOMENTO EM QUE HELEN PRONUNCIA COM	

DIFICULDADES A PALAVRA ÁGUA	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A surdocegueira é uma deficiência que, segundo Tateishi, Santos e Jinhui (2010), envolve a perda substancial de dois sentidos sensoriais: a audição e visão. Essa deficiência pode comprometer a aprendizagem do indivíduo e causar a exclusão social. Tal singularidade ainda hoje é desconhecida por muitos autores.

Segundo Aráoz (*apud* MAIA; ARÁOZ, 2001, p. 16), o reconhecimento de que a surdocegueira é uma dificuldade específica e não simplesmente a soma de várias dificuldades tem se mostrado de grande importância pelos benefícios que proporciona aos surdocegos e seus familiares, que transitam de um atendimento a outro, sem serem atendidos integralmente (o que impede e, de certa maneira, desrespeita o melhor aproveitamento das habilidades existentes).

Maia e Aráoz (2001) afirmam que os sentidos da audição e da visão são os sentidos que permitem a pessoa o reconhecimento do mundo a sua volta, fornecendo informações instantâneas e facilitando o acesso à cultura. Aráoz (*apud* MAIA; ARÁOZ, 2001) conclui que a perseverança e a calma são qualidades que os pais devem adquirir com a maior urgência. Por isso programas de atendimento imediato à comunicação do diagnóstico são da maior importância, pois

Muitas vezes os surdocegos, quando ainda bebês, são diagnosticados como paralisados cerebrais, uma vez que suas dificuldades sensoriais impedem seu desenvolvimento psicomotor normal ou autistas, por apresentarem movimentos

estereotipados na procura de estímulo por meio dos restos visuais e auditivos que possuem (MAIA; ARÁOZ, 2001, p. 2).

Com todas essas dificuldades por parte da importância do diagnóstico, Aráoz (1999) relata que uma criança com deficiência altera a dinâmica familiar especialmente por parte da mãe, que tem de dedicar-se à manutenção das necessidades básicas do filho. Isso, que deveria levar alguns anos, se estende pelo dobro ou triplo do tempo e, muitas vezes, pelo resto da vida. Mesmo porque,

Antes que as crianças nasçam ou sejam concebidas, seus pais já decidiram quem elas serão quando crescerem. Os pais tendem a mostrar por meio da criança o melhor de si, desencadeando, quando diagnóstico de uma deficiência, uma crise vital na família (BUSCAGLIA, 2002, *apud* RABINOVICH; SÁ, 2006, p. 4).

9

Rabinovich e Sá (2006) concluem que a deficiência traz consigo forte carga emocional, tanto para o deficiente como para seus familiares. Também conclui que a sociedade vê o deficiente em alguns momentos como frágil e incapaz, sendo um fardo para sua família. Observa-se que,

No imaginário social, ora o deficiente é percebido como debilitado e frágil, ora como alguém com muita coragem e força de vontade. Mesmo quando contextualizada social, cultural e temporalmente, a deficiência trás consigo forte carga emocional às pessoas envolvidas no processo – pais, crianças e demais familiares (SÁ; RABINOVICH, 2006, p. 2).

Para mudar essa visão, segundo Sá e Rabinovich (2006), é preciso que a sociedade ofereça subsídios para minimizar o sofrimento dos pais e aumentar a competência dos profissionais que trabalham na habilitação de crianças com deficiência, como também provocar no deficiente sua independência nas atividades

diárias. Isso melhora sua autoestima, comprometendo menos sua socialização e integração.

Buscando avaliar o papel e a participação dos pais e professores no processo de desenvolvimento de repertórios comportamentais de uma criança deficiente, o presente trabalho se propõe a analisar as contingências consequenciais contidas no filme “O Milagre de Anne Sullivan”.

Esse filme foi escolhido para o trabalho de conclusão de curso por se tratar de uma história de coragem e superação, retratada no ano de 1886, vivido entre Helen Adams Keller, uma criança surdocega dada a acessos de raiva tendo o domínio de sua casa, e sua professora Anne Sullivan, que fora praticamente cega na infância. Frankl (2008, p. 21), sobrevivente do campo de concentração, declarou em seu livro que “a coragem da confissão eleva o valor do testemunho”, portanto, tal afirmação faz da história que será analisada ainda mais comovente e inspiradora por se tratar de um acontecimento verídico.

Helen Keller nasceu em 27 de junho de 1880 em Tuscumbia, Alabama, Estados Unidos, descendente de tradicional família do sul dos Estados Unidos. Aos dezoito meses de idade, ficou surdocega e, conseqüentemente, muda, devido a uma doença que foi diagnosticada naquela época como febre cerebral (meningite). Somente aos sete anos de idade pôde contar com a ajuda da incansável Anne

10

Sullivan, contratada como babá da menina, pois os pais queriam obediência por parte da filha, mas ela foi mais além, tornando-se sua professora.

Anne Sullivan nasceu em 14 de abril de 1866 em Massachusetts, Estados Unidos, e aos cinco anos de idade contraiu tracoma, doença inflamatória dos olhos

que quase a levou à cegueira total. Dois anos depois, sua mãe faleceu e seu pai, que era alcoólatra, abandonou Anne e seu irmão mais novo, Jimmie, em um orfanato em Tewksbury, onde seu irmão faleceu vítima de tuberculose. Anne era deficiente e foi submetida a nove cirurgias, conseguindo recuperar alguns graus da visão. Estudou na escola Perkins para Cegos (Perkins School for the Blind) e, aos 21 anos de idade, auxiliou Helen Keller no processo de integração à sociedade.

Helen começou a falar aos dez anos de idade e Anne foi sua professora pelo resto de sua vida. Essa história de amizade durou 49 anos. Helen se formou na Faculdade Radcliffe com honras e se tornou uma famosa advogada de igualdades sociais. Além de célebre escritora, filósofa e conferencista, é uma personagem famosa pelo trabalho incessante que desenvolveu para o bem-estar das pessoas com deficiências, sendo premiada com a Medalha Presidencial da Liberdade. Em 1936, Anne faleceu com Helen segurando sua mão por todo o tempo.

Helen continuou sua caminhada por 32 anos sem a companhia de sua professora e, no dia primeiro de junho de 1968, aos 87 anos de idade, faleceu, enquanto dormia em sua casa. Suas cinzas foram depositadas ao lado das de Anne Sullivan. Helen deixou como legado a dedicação ao trabalho para o bem-estar das pessoas surdocegas e, segundo sua biografia, o senador Lister Hill do Alabama disse a respeito de Helen Keller na época de seu falecimento:

“Ela viverá; ela foi um dos poucos nomes imortais, que não nasceu para morrer. Seu espírito perdurará enquanto o homem puder ler e histórias puderem ser contadas sobre a mulher que mostrou ao mundo que não existem limitações para a coragem e a fé”.

A história traz um tema importante para o ambiente educacional e familiar ao mostrar diversos momentos de indisciplina e rebeldia por parte da menina em sua educação, e o posterior desenvolvimento de novos repertórios em uma criança com deficiência. As cenas do filme apresentam vários pontos de implicações, entre eles,

11

as inúmeras dificuldades que podem ser encontradas para criar repertórios de comportamento, sobretudo, se o indivíduo não ouve nem enxerga. Pois,

Quando a visão e audição estão gravemente comprometidas, os problemas de aprendizagem e a adaptação ao meio se multiplicam. Neste caso, as trocas interativas da criança precisam estar orientadas para o desenvolvimento dos sentidos remanescentes: tato, cinestésico, paladar e olfato (TELFORD; SAWREY 1976, *apud* CARDER-NASCIMENTO; COSTA, 2003, p. 11).

Nesse sentido, os autores enfatizam a importância de despertar no surdocego, por meio de outros canais sensoriais, o desejo de aprender, vencendo seu isolamento.

Foram inevitáveis algumas indagações que possibilitaram o desenrolar deste trabalho, como: qual o papel e a participação dos pais e da professora como contexto para tais comportamentos? Quais os antecedentes comportamentais e suas consequências? Quais as contingências dos protagonistas da história? Qual a influência das consequências dos comportamentos sobre o desenvolvimento de repertório da personagem Helen Keller?

Diante de todos esses questionamentos, e por entender que a deficiência pode gerar implicações ao indivíduo e ao ambiente familiar, buscou-se, por meio da análise do filme “O Milagre de Anne Sullivan”, uma ferramenta que possa ajudar

professores nas inúmeras dificuldades que poderão ser encontradas no processo de ensino e aprendizagem, como também orientar as famílias a lidarem com filhos deficientes, sobretudo se o aprendiz é surdocego.

O filme foi analisado a partir da abordagem psicológica Análise do Comportamento, que busca conhecer quais são as influências no estabelecimento, na manutenção e na extinção de repertórios comportamentais.

O estudo utilizou o filme “O Milagre de Anne Sullivan” e a ferramenta conceitual análise de contingência, descritiva e explicativa, dos personagens principais da história.

Os resultados obtidos nesta análise demonstram a realidade enfrentada pela professora para ensinar uma criança surdocega, bem como a pouca habilidade da família em lidar com a deficiência.

12

2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A Análise do Comportamento tem como filosofia o Behaviorismo, fundado por John B. Watson (1879-1958), que evitava relacionar consciência à mente, justificando que só assim se deixa a psicologia livre para estudar o comportamento humano e animal. Baum (2006) explica que Watson (1879-1958) era claro ao afirmar que a psicologia era uma ciência geral do comportamento compreendendo todas as espécies, e que o ser humano seria apenas mais uma delas, portanto, estudaria apenas o comportamento objetivamente observável.

O Behaviorista mais conhecido pós-Watson, segundo Baum (2006), é Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), pois suas ideias apresentam contrastes em

relação a de outros behavioristas quanto à ciência do comportamento. Enquanto para outros a principal preocupação eram os métodos das ciências naturais, a de Skinner foi a explicação científica. Por isso,

Skinner sustentou que o caminho para uma ciência do comportamento estava no desenvolvimento de termos e conceitos que permitissem explicações verdadeiramente científicas. Rotulou a visão oposta de Behaviorismo metodológico, e chamou sua própria posição de Behaviorismo Radical (BAUM, 2006, p. 24).

De acordo com De-Farias (2010, p. 31) o Behaviorismo Radical surgiu a partir da proposta de Skinner (1945/1988, 1953/2000, 1974/1993) quanto à compreensão do comportamento humano como por parte de uma metodologia científica de investigação. Suas bases conceituais foram apresentadas inicialmente por Skinner em um congresso sobre a influência do operacionismo em Psicologia, que originou o artigo de 1945, intitulado “The Operational Analysis of Psychological Terms” ou “A Análise Operacional de Termos Psicológicos”, e teve como proposta considerar o comportamento como seu objeto de estudo e por ter o método científico como sua forma de produzir conhecimento.

O Behaviorismo Radical, segundo De-Farias (2010), estuda todo comportamento na sua origem, considerando que a palavra ‘radical’ significa ‘raiz’ para a abordagem, pois representa a parte não diretamente observável em uma planta. Com essa afirmação, o Behaviorismo Radical se distinguiu de outros modelos de behavioristas que não consideravam os eventos privados do comportamento humano como objetos de estudo de Psicologia.

Para Moreira e Medeiros (2007), a Análise do Comportamento é uma

abordagem psicológica que visa compreender o ser humano a partir de sua interação com o ambiente, entendendo que ambiente para essa abordagem vai além do seu significado comum e refere-se, portanto, ao mundo físico, social e histórico do indivíduo. Assim,

[...] refere-se ao mundo físico (as coisas materiais), ao mundo social (interação entre com outras pessoas), a nossa história de vida e a nossa interação com nós mesmos tudo isso é ambiente para a Análise do Comportamento. Falar, simplesmente, que duas pessoas que estão no mesmo lugar ou duas crianças que foram criadas na mesma casa estão no mesmo ambiente parte de uma compreensão estreita do conceito (MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 213).

São essas interações que a Análise do Comportamento visa a estudar, buscando explicar ou descrever o comportamento do indivíduo a partir da sua vivência, construída ao longo de sua vida, por meio de relações com outros indivíduos.

Segundo Borges (2012), a Análise do Comportamento é uma abordagem científica que tem como objeto estudar o comportamento e se preocupar em descrever as relações, tendo como finalidade identificar as variáveis contidas em um determinado contexto. Para Baum (2006, p. 43), a Análise do Comportamento descreve o comportamento de forma familiar e de fácil entendimento, fazendo com que seus métodos busquem ampliar novos conhecimentos sobre o comportamento por meio de uma observação clara e precisa. O comportamento também pode ser visto como

[...] uma função conjunta de contingências filogenéticas, aquelas que operam nos ambientes ancestrais durante a evolução da espécie, e de contingências ontogenéticas, as que operam durante as interações de um organismo com o seu ambiente, durante sua própria vida (SKINNER, 1996 *apud* CATANIA, 1998, p. 58).

Para Rodrigues (2006), o comportamento é o produto da história pessoal do sujeito combinado a sua história filogenética e cultural a qual pertence e, nesse sentido, todos os repertórios estão adaptados às histórias individuais. No entanto, socialmente habituou-se a classificar comportamento em “adequado” ou “inadequado” a partir do que se aceita/espera socialmente. Gusmão, Martins e Luna (2011) afirmam que grande parte do comportamento humano é operante, isto é,

14

produz consequências que, por sua vez, são fundamentais para determinar o comportamento. Isso porque

O comportamento operante é uma relação organismo/ambiente em que a emissão de respostas de um indivíduo afeta/altera o ambiente, e a depender dessa alteração, respostas semelhantes a estas terão probabilidade de ocorrência futura aumentar ou diminuir (BORGES, 2012, p. 26).

Skinner (1975, p. 184) afirma que, quando se analisa o comportamento sob a ótica das contingências, pode-se perceber o que ocorre na vida cotidiana de um indivíduo. Para realizar uma Análise Funcional ou de Contingências, é necessário, segundo Neno (2003), entender que comportamento é um conjunto de respostas, ações que um indivíduo emite, diante de eventos que antecedem o comportamento, que vêm antes de ele acontecer e se mantém devido a eventos consequentes, que são aqueles que acontecem após a emissão do comportamento. Portanto, uma boa Análise Funcional visa a entender esta tríplice contingência: Eventos antecedentes – Respostas do sujeito – Eventos Consequentes.

Baum (2006) diz que o comportamento muda à medida que muda o contexto. Portanto, a mudança de contexto afeta o comportamento operante mais

como modulação do que como compulsão.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2008), são os estímulos que levam o organismo a reagir de determinada forma por consequência do ambiente, como também por meio de equipamentos e hábitos aprendidos. E, mesmo com tanta discussão sobre o controle que a natureza exerce sobre todos, precisa-se assumir sua existência e em seguida estudá-la, pois só assim se saberá como os estímulos agem sobre os indivíduos. Bock, Furtado e Teixeira (2008) afirmam também que, na terapia comportamental, a análise funcional é vista como um fundamento para a avaliação clínica e identificada como o caminho mais efetivo para o planejamento da intervenção.

É necessário ressaltar que a Análise do Comportamento é alvo frequente de críticas. Para Rodrigues (2006), “existem vários fatores relacionados a essas críticas, e a literatura especializada as consideram predominante, como produto de equívocos ou por uma leitura bastante enviesada da obra”. Para que haja discordância, o autor afirma que seja necessário conhecimento sobre aquilo que será criticado e aqueles que o fazem são os menos embasados sobre a abordagem.

15

Fazer uma crítica, segundo Rodrigues (2006), não é tarefa fácil, pois seu papel principal é de comentar e avaliar aquilo que gostou, justificando por que gostou, como também o contrário, quando não gosta. A crítica baseia-se na construção de elementos que agregam o seu conhecimento e aquele que a faz deverá esmiuçá-la e não apenas avaliar por meio de seus gostos pessoais. Considera-se que

É na categoria “equivocos”, porém, que se concentra a maior parte das críticas dirigidas ao behaviorismo, críticas com as quais nos deparamos no nosso cotidiano atualmente, seja como estudantes, seja como professores e profissionais da área de educação e mesmo psicologia (RODRIGUES, 2000; 2002 *apud* RODRIGUES, 2006, p. 143).

O Behaviorismo é muitas vezes mal interpretado, visto que para alguns autores essa abordagem não se importa com a subjetividade nem com a autonomia do ser humano, o que não é uma verdade. O Behaviorismo Radical estuda os eventos internos e possibilita a liberdade do indivíduo, mas de uma forma diferente, pois para que o indivíduo controle seus próprios comportamentos, é preciso necessariamente se autoconhecer (BRANDERBURG, 2005 *apud* WEBER, 2014).

2.1 ANÁLISE DE CONTINGÊNCIAS

Segundo De-Farias (2010), o Behaviorismo Radical define comportamento como interação do organismo com o ambiente, que é descrita por meio de relações de contingências – relações de dependência entre eventos ambientais e comportamentos.

Moreira e Medeiros (2007) afirmam que a análise funcional ou de contingências nada mais é do que a busca dos determinantes da ocorrência do comportamento. Esses determinantes estão na interação do organismo com o meio.

Para Matos (1999), a análise das contingências é responsável por um comportamento ou por mudanças nesse comportamento, sejam eles “adequados” ou “inadequados”. Conclui que uma análise funcional é uma ciência natural que busca responder qual a função de determinado comportamento para uma pessoa como

também qual é a relação funcional entre esses comportamentos e seus efeitos.

Dessa forma,

16

Analistas do comportamento [...] estão sempre experimentando, sempre analisando contingências, transformando-as e testando suas análises, observando se o comportamento crítico mudou; se a análise for correta, mudanças nas contingências mudarão a conduta; se for incorreta, a ausência de mudança comportamental demandarão uma abordagem diferente (SIDMAN, 1995 *apud* MOREIRA; MEDEIROS, 2007, p. 145).

A análise de contingências, segundo Moreira e Medeiros (2007), é um procedimento ativo, não uma especulação intelectual. É um tipo de experimentação que acontece não apenas no laboratório, mas também no mundo cotidiano.

Souza (2001) diz que a análise de contingência é importante, pois possibilita a identificação dos elementos envolvidos em determinada situação, facilitando a verificação de dependência ou não dependência, como também o tipo de relação entre os indivíduos, uma vez que diferentes relações de contingências dão origem a diferentes processos e a padrões de comportamentos.

2.2 APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO HUMANO

O conceito de aprendizagem para a psicologia não é nada simples, pois há diversas formas que levam o indivíduo a aprender, como também fatores que o levam a apresentar um comportamento que anteriormente não apresentava (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008). Para Weber (2014), a aprendizagem é a interação das pessoas com o ambiente, e pode ser modificado por meio dele. Assim,

A aprendizagem é um processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada, desde que as características de mudança não possam ser explicadas por tendências inatas de respostas, maturação ou estado temporário do organismo (HILGARD, 1966 *apud* CÓRINA-SABINI, 1986, p. 1).

Weber (2014) afirma que as pessoas são influenciadas pelo ambiente e que devemos prestar atenção ao que vem antes (antecedente) e depois (consequente) de um comportamento, pois tais eventos são os que controlam seus comportamentos.

Para Baum (2006, p. 25), o comportamento poderá ser observado e explicado como qualquer outro objeto de estudo, precisando apenas dos dados necessários. No entanto é importante ressaltar que existem eventos internos, como

17

pensamento, sentimentos, sonhos e outros mais, que não podem ser observados (RODRIGUES, 2006). Para Skinner (1945/1988 *apud* DE-FARIAS, 2010), os fatores tradicionalmente mentais, como o pensar sentir, raciocinar, imaginar, fantasiar como tantos outros também são comportamentos e devem ser explicados a partir de sua relação com o ambiente (SKINNER, 1945/1988 *apud* DE-FARIAS 2010, p. 34).

2.3 EDUCAR

Para Bock, Furtado e Teixeira (2008), as crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-la as suas relações e a sua cultura. No passado, educar era viver a vida no dia a dia da

comunidade, ouvindo os mais velhos sobre suas experiências e com isso formando-se para atuar em comunidade (COIMBRA, 1989). As festas coletivas também eram uma forma de ensinar. As tradições eram passadas naturalmente, não havia necessidade de uma instituição específica para isso. Segundo Zanotto (*apud* HÜBNER, 2004), na década de 70 a educação se constituiu como uma instituição social que requer de seus professores o domínio de um vasto conjunto de conhecimentos científicos sobre o mundo físico e social e sobre o comportamento humano, de modo a responder pelo ensino formal e sistemático de modo eficiente.

Nas formações sociais mais antigas, segundo Coimbra (1989), eram os adultos quem ensinavam e assim “aprendia-se” fazendo, o que tornava inseparável o saber, a vida e o trabalho. Segundo Zanotto (*apud* HÜBNER, 2004, p. 39), para Skinner, os homens aprendem uns com os outros sem serem ensinados, e conclui que

Um homem pode ter aprendido uma vez a usar uma enxada vendo outro usá-la, mas nem por isso o lavrador foi um professor. Apenas quando a maior eficiência do aprendiz se tornou importante para o lavrador é que ele se tornou um professor e mudou seu próprio comportamento para facilitar a aprendizagem – movendo-se mais devagar ou exagerando seus movimentos de modo que pudessem ser mais facilmente imitados, repetindo alguma parte de uma ação até que fosse eficiente copiada, reforçando bons movimentos com a enxada com sinais de aprovação, arranjando de forma que pudessem ser facilmente cavadas.

18

E foi somente a partir do século XVII que as escolas surgiram como instituição, nos moldes em que a conhecemos atualmente. Sobre o aparecimento desta instituição, tem-se que

[...] está visceralmente ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Então com a

Revolução Industrial, a partir de 1720, sentiu-se a necessidade de um número maior de pessoas que soubessem pelo menos ler, escrever e contar. Pessoas essas que seriam jogadas nas nascentes industriais, fornecendo mão-de-obra para o manejo das máquinas. Por outro lado, a burguesia já no poder percebeu também a necessidade de “socializar” e “educar” a massa trabalhadora existente nos grandes centros urbanos, para formá-los como “bons” cidadãos e trabalhadores disciplinados. Com isso, vemos a Escola surgindo com claras funções: inculcar os valores, hábitos e normas da classe que domina, ou seja, inculcar a ideologia burguesa e, com isso, mostrar a cada um o lugar que deve ocupar na sociedade, segundo sua origem de classe (COIMBRA, 1989, p. 2).

Segundo Cirino (2005), Skinner aventurou-se nos mais diversos assuntos humanos e fez contribuições significativas no campo da educação, fazendo importantes reflexões sobre a escola, o ensino e a aprendizagem. Para o autor, a escola é um lugar privilegiado onde se estabelecem controles. Essa análise permite vislumbrar o professor como o indivíduo que pode garantir o controle. Nesse sentido, a aprendizagem é um processo natural e espontâneo, mas que precisa ser planejado cuidadosamente para que seja eficaz, assim, tanto o espaço da escola quanto a figura do professor ganham uma dimensão especial.

Para Zanotto (*apud* HÜBNER, 2004), o professor precisa adquirir conhecimentos científicos daquilo que é realmente relevante para o aluno, como também conhecimento do comportamento humano habilitando-o no planejamento das contingências adequadas para ensinar.

Por meio do legado de Bori (1974) sobre a Análise de Contingências em programação de ensino, Teixeira (2005) afirma que, para que a educação se torne mais efetiva, deve-se analisar as relações da situação ensino/aprendizagem. Então para Skinner, esse ensino “era concebido como um arranjo de contingências, sob as quais o aluno aprende”.

Segundo o ensino programado proposto por Skinner, o aluno deve estar sempre ativo, atento e interessado, sendo motivado nas tarefas. Isso era obtido a

partir das situações-estímulo (condições antecedentes) e da densidade de reforçamento positivo (condições consequentes) e, ao interagir com o programa, o estudante devia, preferencialmente, compor suas respostas (TEIXEIRA, 2005).

19

Para Teixeira (2005), o programa devia ser organizado em uma sequência ordenada e rigorosa de passos que avançavam do mais simples para o mais complexo, exigindo excelência no desempenho para avançar para o seguinte.

2.4 UM DEFICIENTE NA FAMÍLIA

De acordo com Sá e Rabinovick (2006), os indivíduos com deficiência eram vistos como “indivíduos sem valor” e socialmente inúteis, sendo um fardo para a família como também para a sociedade. Hoje, esse sujeito é visto com outro olhar, porém ainda existem muitos preconceitos.

Uma família que possua entre seus membros uma pessoa com deficiência passa por diversas dificuldades, entre elas o desequilíbrio emocional, podendo aumentar o estresse familiar e o isolamento social.

Ainda de acordo com Sá e Rabinovich (2006), a família estigmatizada sofre consequentemente uma desestruturação. Essa desestruturação pode comprometer o desenvolvimento do indivíduo com deficiência. Geralmente os pais têm anseios, medos e desejo de que seus filhos alcancem tudo o que lhes foi negado no plano social e profissional. Por isso, é necessário reestruturar a família, pois

A família é o principal agente da socialização primária e onde se produzem relações de cuidado entre os seus membros por meio da proteção, do conhecimento, respeito à individualidade e potencialização do outro. É na

família que o bebê estabelece os primeiros vínculos afetivos que o levarão a ter autoconfiança e confiança nas pessoas, desenvolvendo sua independência. Para tal, o bebê conta, a princípio, com a mãe (ou da figura cuidadora) que assegura o primeiro vínculo, com o pai, irmãos, avós ou pessoas que complementam a função materna e familiar (SÁ; RABINOVICH, 2006, p. 3).

Segundo Sá e Rabinovich (2006), a situação socioeconômica da família pode favorecer o tratamento da pessoa com deficiência, como também a acessibilidade à escola e ao lazer, deixando-a mais autônoma e integrada à sociedade. E, para que haja um processo de inclusão e cidadania, é necessária uma transformação no ambiente físico e um esclarecimento da família e da sociedade.

20

2.5 A SURDOCEGUEIRA

O termo surdocegueira evoluiu ao longo do tempo, passando por: dificuldades de aprendizagem profunda e múltipla (DAPM), Múltipla Deficiência Severa, Cego com Deficiência Auditiva, Múltipla Privação Sensorial (MPS) e dupla Deficiência Sensorial (MARRA; PIAU, 2009). Pode-se dizer que

A Surdocegueira é uma deficiência única e requer métodos de comunicação especiais, para viver com as funções da vida cotidiana e com uma limitação que se caracteriza por sérios problemas relacionados à comunicação, ao meio, relacionados à obtenção de informações. A Surdocegueira pode ser congênita ou adquirida. O Surdocego congênito nasce com esta única deficiência. A Surdocegueira adquirida é caracterizada quando a pessoa nasce ouvinte, vidente ou surda, ou cega e adquire, por diferentes fatores, a surdocegueira (MAIA, 2011, p. 2).

Algumas crianças surdocegas foram diagnosticadas erroneamente, ou seja, receberam o diagnóstico de pessoa com paralisia cerebral ou autista, devido a apresentar alguns movimentos estereotipados (MAIA; ARÁOZ, 2001). De acordo

com Maia e Araújo (2001), os serviços especializados no Brasil também abandonaram a palavra combinada surdo-cego em defesa da condição imposta pela surdocegueira, que não é simplesmente a somatória de duas deficiências, e sim uma dificuldade singular que deve ser tratada de modo especial, pelas dificuldades que as pessoas surdocegas têm para contatar o mundo e conseguir inserir-se nele.

Para Masini e outros (2007), a surdocegueira pode ser classificada quanto ao tempo de sua aquisição como surdocegueira pré-linguística – quando a pessoa nasce surdocega ou adquire a deficiência antes da aquisição da linguagem – e a surdocegueira pós-linguística – quando é adquirida após a aquisição da linguagem.

Geralmente as pessoas surdocegas antes mesmo de adquirirem a linguagem, seja ela oral ou gestual, têm grandes chances de se isolar, de fugir das interações com outras pessoas (MARRA; PIAU, 2009). Garcia (2000) considera a surdocegueira como uma das piores deficiências que pode existir no mundo.

Monteiro (1996), ao participar da I Conferência Mundial Helen Keller, em Nova York, disse que [...] os indivíduos surdos-cegos devem ser definidos como aqueles que têm uma perda substancial de visão e audição de tal forma que a combinação das duas deficiências causem extrema dificuldade na conquista de metas

21

educacionais, vocacionais, de lazer e social (MONTEIRO, 1996, p. 1 *apud* MARRA; PIAU, 2009, p. 7).

Algumas pessoas surdocegas podem progredir socialmente, mas para isso necessitam de apoio, principalmente de um intérprete. Para Bove (*apud* MASINI et al., 2007), a pessoa surdocega tem no olfato sua melhor informação e no movimento corporal seu maior interesse.

Maia e Araújo (2001) afirmam que é de grande importância considerar a

surdocegueira como uma deficiência a ser tratada de uma maneira unitária. Garcia (2000) diz que os indivíduos desejam comunicar-se com o mundo que o cerca. Além disso, buscam conhecê-lo, experimentá-lo, sentir-se parte dele, enfim, respirar o ar que os cercam. Para o autor, toda aprendizagem passa pela comunicação. Conclui que “a interação e as constantes trocas com nosso meio, para muitos acontecem de forma obscura e para outros inexistem, a não ser que tenhamos algo ou alguém para nos colocar em “contato” com nosso mundo” (GARCIA, 2000, p. 1).

As pessoas com surdocegueira apresentam dificuldades que podem ser minimizadas, como as de comunicação, de acesso à informação, de orientação e de interação com o mundo (MASINI; TEODORO; NORONHA; FERRAZ 2007).

Aráoz (*apud* MAIA; ARÁOZ, 2001) concluiu que a perseverança e a calma são qualidades que os pais devem adquirir com a maior urgência possível, por isso, programas de atendimento imediato e a comunicação do diagnóstico são da maior importância. Para Garcia (2000), estabelecer relações com o mundo é encarado como fator indispensável para saúde física e mental.

2.6 FILME COMO RECURSO DIDÁTICO

Para Abud (2003), é de extrema importância a produção fílmica para a construção do conhecimento histórico do saber nas escolas, pois o indivíduo se sente atraído pela curiosidade natural das imagens.

A utilização de filmes associado ao conhecimento dos professores em sala de aula aproxima a atenção dos jovens, constituindo-se em um excelente recurso, pois faz as aulas mais prazerosas. Abud (2003) defende que as imagens devem estar presentes no contexto da sala de aula, pois sua leitura não é passiva e

provoca naquele que a assiste construção do conhecimento histórico, aproximando da realidade nas cenas que tenham relação com o cotidiano. Dessa forma,

Os filmes [...] podem ser úteis em oferecer modelos comportamentais mais específicos, como por exemplo: oferecer esperança e encorajamento por meio de personagens com posterior superação; reformular problemas a partir das crises ficcionais dos personagens; fornecer modelos comportamentais de referência; identificar e reforçar forças internas; potencializar as emoções; melhorar a comunicação, propiciar valores com base nas normas e padrões de vida de cada um (HESLEY; HESLEY, 2001 *apud* OLIVIA; VIANNA; LOTUFO NETO, 2010, p. 140).

Além de ser recurso para exemplificar, em sala de aula, situações não passíveis de serem criadas nesse ambiente, pode ser também recurso clínico importante, sendo um instrumento para ampliar as técnicas e os domínios da Análise do Comportamento por meio da análise funcional das cenas apresentadas no filme.

Para Abud (2003), essa semelhança entre a produção escrita trazida pelos livros, sustentada pela produção fílmica, tem sido garantia frequente de que a análise do professor é verdadeira. Por esse motivo, entende-se que produção fílmica produz no aluno uma aprendizagem histórica, porque

O processo de mudança que ocorre com os personagens e entre eles, seria o ponto mais importante a ser analisado em um filme, observando como os personagens aparecem no começo do filme, como eles reagem diante dos conflitos e como estão diferentes no final da estória (HESLEY; HESLEY, 2001, *apud* OLIVIA; VIANNA; LOTUFO NETO, 2010, p. 140).

Fazer uso de filmes como recurso didático tem sido avaliado como positivo e eficaz no saber histórico escolar, o que para Abud (2003) produz no aluno efeitos de aprendizagem do que foi representado no passado e muitas vezes vivenciado na

3 O FILME “O MILAGRE DE ANNE SULLIVAN”

O filme “O Milagre de Anne Sullivan” possui três versões: a primeira, ainda em preto e branco, foi no ano de 1962; a segunda, no ano de 1979; e a terceira, sendo a escolhida para ser analisada, foi produzida no ano de 2000, dirigido por Nádía Tass. Baseado no livro “The Story of my Life” (A História de Minha Vida), de Helen Keller, e na peça teatral de William Gibson, tem duração de 1 hora e 28 minutos. Retrata a história da incansável professora Anne Sullivan e de sua aluna Helen Keller, uma garota nascida em 1880 que, aos 18 meses de idade, ficou surdocega e, conseqüentemente, muda, por causa da febre cerebral (escarlatina ou meningite), que a sentenciou a um mundo de escuridão e silêncio. A menina não reconhecia regras e limites, por não saber o que era mundo, nem como interpretá-lo, com isso fazia “pirraça” quando desejava algo, revoltando-se quando contrariada ou não atendida no momento exato.

A família de Helen Keller era composta pelo pai, Sr. Arthur Keller, um proprietário de terras e dono de uma gráfica, que sempre dava alguma desculpa para fugir dos problemas causados pela filha e acreditava que a única solução era interná-la em um asilo; sua mãe, Sra. Katherine Keller, dona de casa que vivia se desdobrando para acalmar toda a família quanto ao comportamento de Helen e, com isso, não conseguia dar a mesma atenção aos outros filhos; o irmão mais velho, James Keller, enteado de Katherine, cuja mãe já era falecida, e sofria com a ausência do pai; e, por fim, sua irmã caçula, que ainda era um bebê e sofria com os

rompantes agressivos de Helen.

A história ocorre dentro da propriedade da família e as cenas relatam, por diversas vezes, o comportamento “inadequado” de Helen, que agride e incomoda a todos do local. A mãe carregava sempre em seus bolsos pedaços de doces para acalmar a menina, gesto compartilhado por todos da família. Os pais viviam se contradizendo quanto à forma de educar Helen e se desentendiam quando o pai alegava não saber mais lidar com a situação de desordem causada por ela na casa. Já a esposa irritava-se com o marido por ele querer levar a filha para longe de todos e sofria ao ver que Helen não era compreendida por ele.

Katherine convenceu o marido a contratar uma babá para educar Helen, acreditando que a filha era inteligente e que essa inteligência estaria “escondida em

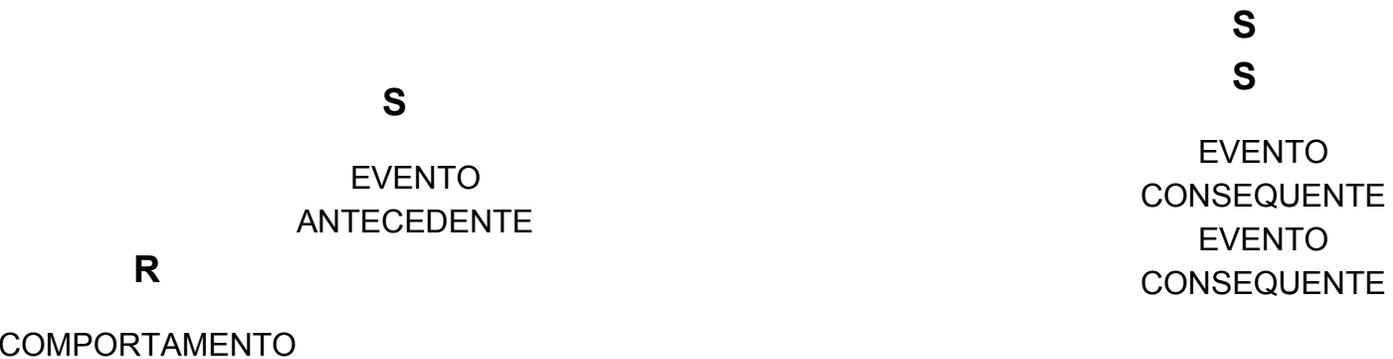
24

algum lugar” e, com a ajuda dessa pessoa, poderiam reencontrá-la. Ao ser convocada, Anne Sullivan seguiu para a fazenda dos Keller.

Utilizando a análise funcional, visto que a história ocorre no ano de 1886, e o Behaviorismo surgiu apenas em 1913, Anne pode identificar o comportamento apresentado por Helen, e por meio da análise das contingências, buscam-se identificar os determinantes desse comportamento apresentados nas cenas do filme. O objetivo é uma reflexão quanto ao papel dos pais e da professora no processo de ensino e aprendizagem de uma menina surdocega, que não sabe se relacionar com o mundo em que vive por não saber compreendê-lo.

As análises foram feitas por meio da seleção de contingências presentes no filme “O milagre de Anne Sullivan”, representando as condições que antecedem o comportamento (S), o comportamento ou resposta (R) e as condições e

consequências a esse comportamento (S). O traço (-) representa a possibilidade de a resposta ocorrer, e a seta (→) uma certeza que haverá a consequência, segundo Moreira e Medeiros (2007).



Tal apresentação possibilita a observação da forma como alguns comportamentos se desenvolvem. Para Vasconcelos (2006), para se ter compreensão da função do comportamento em interação com eventos ambientais antecedentes e consequentes, é de fundamental importância se conceituar as contingências segundo a análise do comportamento. Assim, poderá prever a sua ocorrência e controlá-la no sentido de aumentar ou diminuir a sua probabilidade de ocorrência, explicando a evolução e a manutenção do comportamento apresentado.

Para analisar as contingências consequenciais apresentadas no filme, buscando facilitar esse entendimento, dividiu-se a apresentação da análise funcional do comportamento em cinco cenas, que foram escolhidas por serem momentos de extrema importância para observar o comportamento dos personagens envolvidos.

25

3.1 PRIMEIRA CENA – APRESENTA O MOMENTO QUE ANTECEDE A INTERVENÇÃO DE ANNE SULLIVAN, SENDO A PRIMEIRA REFEIÇÃO COM A PRESENÇA DA PROFESSORA NA CASA DA FAMÍLIA KELLER

Helen ficava transitando por todos os pratos, colocando a mão na comida de todos à mesa e, dessa forma, fazendo suas refeições. A família ignorava o comportamento da menina, pois para a mãe essa seria uma forma de a filha se alimentar e, portanto, já estava acostumada, afirmando que se eles tentassem mudar ela iria insistir até conseguir.

Anne percebe a indisciplina de Helen por não saber fazer sua refeição sozinha como também não saber se comportar à mesa.

O pai pediu que a professora tivesse piedade com a menina, pois ela era uma criança deficiente, ao que a professora respondeu dizendo que Helen é uma criança mimada e não concorda com esse tipo de comportamento e que “[...] piedade seria a única coisa que eles não deveriam sentir por Helen naquele momento”. O pai, mais uma vez, diz que a “indisciplina” da menina é muito pequena comparada ao seu sofrimento e Anne afirmou que a família acha mais fácil sentir pena da menina por ser deficiente a ter de ensiná-la como se comportar.

- Na mesa durante a refeição com a família.

COMPORTAMENTO

HELEN

com as mãos

coloca as mãos

**EVENTO
CONSEQUENTE
EVENTO
CONSEQUENTE**

**EVENTO
ANTECEDENTE**

→
→
→

- Pais atônitos
- Pais atônitos
- Pais atônitos
- Pais atônitos

- Casa bagunçada
- Casa bagunçada
- Casa bagunçada
- Criança alimentada
- Criança alimentada

26

Análise

Durante o jantar em comemoração à chegada de Anne Sullivan à casa da família Keller, onde todos se encontravam reunidos na sala de jantar para fazer a primeira refeição na presença da professora, Helen se comporta de forma “inadequada”.

Anne busca identificar o comportamento apresentado pela menina durante a refeição, semelhante a uma análise funcional, identificando o levantamento de repertório comportamental e suas consequências, sendo esse o primeiro passo para iniciar a intervenção.

Os pais de Helen negavam sua capacidade com discursos e atitudes, atribuindo toda a culpa do comportamento “inadequado” de Helen à sua deficiência, o que dificultava o processo de aprendizagem e reforçava seu comportamento agressivo nas vezes em que não era atendida.

Helen era privada de visão e audição, por isso não compreendia o significado das coisas. Com isso, causava desordem em todos os lugares da casa, sendo excluída do convívio social.

A surdocegueira provoca insegurança, com isso limitava Helen de algumas percepções, fazendo com que a menina reagisse de forma agressiva ao que viria a ocorrer em sua volta, dificultando seu processo de aprendizagem.

A família é o principal agente de socialização de um indivíduo, portanto, não se deve ignorar o desenvolvimento de uma criança deficiente, mas transmitir valores quanto a respeito e à tolerância.

3.2 SEGUNDA CENA – O MOMENTO DA PRIMEIRA INTERVENÇÃO DE ANNE

SULLIVAN A professora entra em confronto com a família pedindo para que as deixem sozinhas na sala de jantar, pois ela vai fazer com que Helen saiba se comportar na hora das refeições. Inicia-se, então, um dos momentos mais tensos do filme, pois Anne insistentemente resiste ao comportamento da menina, que dá beliscões, chutes e puxões de cabelo na professora. Por fim, Helen dá um tapa no rosto de Anne, que responde na mesma hora com outro tapa na menina. A persistência e paciência da professora duram bastante tempo e, mesmo que a menina tenha

27

destruído todo o local, Anne consegue fazer com que Helen se sente à mesa e se alimente sozinha, com pratos, talheres e usando corretamente o guardanapo. Anne e Helen saem da sala e vão ao encontro de Katherine, que dá um abraço carinhoso na filha e diz estar surpresa ao ver que a professora não desistiu.

cabelo

o rosto

▪ Sentar à mesa, U

EVENTO

EVENTO

CONSEQUENTE

CONSEQUENTE

→

→

→

EVENTO

ANTECEDENTE

▪ Anne e Helen

sozinhas na sala sem a

interferência dos pais

da menina

COMPORTAMENTO

DE HELEN

▪ Beliscar

▪ Chutar

▪ Anne atônita

▪ Anne atônita

▪ Anne atônita

▪ Anne atônita

▪ Casa bagunçada

▪ Casa bagunçada

▪ Criança

▪ Criança

alimentada

alimentada

talheres e guardanapo

Análise

Anne Sullivan entra em confronto com os pais da menina e pede para que todos saiam da sala de jantar, deixando as duas sozinhas no local, Helen se comporta de forma agressiva e Anne resiste, mas o ambiente fica arrasado e as

duas exaustas e machucadas.

Anne usou de força física para fazer com que Helen ficasse sentada à mesa, pois ela é diferente de crianças videntes, que se utilizam da visão e da audição para compreender o que está sendo ensinado (sentar-se), bastando apenas captar o olhar do adulto ou ouvir o que está sendo dito para conseqüentemente apresentar o comportamento solicitado. Helen não tinha esses contatos reforçadores, com isso,

28

não poderia captá-los por ser surdocega, dificultando o processo de aprendizagem, o que levou a professora a utilizar-se da força física para obter uma resposta.

Os pais reforçavam o comportamento “inadequado” de Helen, mas nesse momento Anne foi corajosa ao confrontá-los e perseverante, não cedendo às agressões da menina até que a mesma se comportasse com modos exigidos pela sociedade (sentar à mesa, usar pratos e talheres).

A surdocegueira pode provocar no indivíduo insegurança, pois cada experiência nova, como sentar-se à mesa, o que foi sugerido pela professora, pode parecer assustadora por nunca ter sido ensinado à menina.

É evidente quanto à importância da orientação de Anne para o desenvolvimento de Helen Keller, que viveu por alguns anos sem qualquer acompanhamento e por diversas vezes foi mal interpretada por seus familiares, que acreditavam que a menina era agressiva por sofrer de algum transtorno mental.

A família deve aceitar e entender o seu papel social de cuidar e educar uma criança deficiente, assumindo os desafios para, posteriormente, ser uma pessoa ativamente social.

3.3 TERCEIRA CENA - CASA DO BOSQUE: MOMENTO EM QUE ANNE E HELEN FICAM SEM A PRESENÇA E A INTERVENÇÃO DA FAMÍLIA KELLER

A professora não vê esperança em continuar na casa, pois com a presença da família era difícil conseguir o que todos almejam para a menina. Por acreditar que a culpa do comportamento “inadequado” de Helen é a pena que seus pais sentiam por suas deficiências, pede para que o Sr. Arthur limpasse e organizasse a casa que ficava no bosque da propriedade para que ela fique sozinha com Helen e, assim, pudesse ensinar a menina. No início, os pais não concordam, mas dão um voto de confiança para a professora, que diz acreditar que o amor que a mãe tem pela filha seja o maior obstáculo para Helen, sendo muitas vezes pior do que sua própria cegueira e surdez. Ao ser a única responsável por Helen, a professora consegue excelentes progressos com a menina em apenas duas semanas.

29

EVENTO ANTECEDENTE

- Anne e Helen sozinhas na casa do bosque

COMPORTAMENTO DE ANNE SULLIVAN

- Ensinar linguagem de sinais por meio do tato
- Ensinar comportamentos sociais da época

EVENTO CONSEQUENTE

- Helen consegue se –

→

comportar durante as refeições

- Aprende a se relacionar com Anne
- Entende o mundo a sua volta

Análise

Anne analisa os contextos que envolvem determinados comportamentos da menina visto como “inadequados” e inicia sua intervenção, mudando o contexto (ambiente), ao longo de duas semanas, na casa do bosque, sem a intervenção ou presença da família. Com isso, explora novos ambientes e amplia sua condição de

comunicação e compreensão de novos repertórios.

Anne suspende a consequência, não reforçando o comportamento “inadequado” de Helen, quando não cede às “birras” da menina. Pode-se perceber que sua frequência diminui e Helen não responde mais com agressões. Helen foi um pouco resistente às mudanças por conta de sua história de reforçamento e, por isso, Anne percebeu quais as mudanças deveriam ser produzidas no aprendizado de Helen e foi persistente até suspender por completo esse reforço.

Para ensinar Helen a se comunicar, Anne utilizou o processo de aprendizagem por estimulação e repetição, por meio do alfabeto braile e manual (tato) utilizando a linguagem de sinais no rosto e na palma de suas mãos, como também por meio da palavra água esculpida na madeira, fazendo associações.

30

Exemplo: tocar e sentir a água – soletrar as letras Á – G – U – A na palma de suas mãos ou no rosto – tocar na palavra água esculpida na madeira.

Anne utilizou de novas consequências para o comportamento como também treinos para que Helen pudesse se comunicar por meio da intensidade de estímulos associando nome ao objeto. Anne fazia com que Helen compreendesse a relação entre as palavras e seus significados dando sentido às coisas a sua volta.

Para confirmar se estava certa, Anne colocava as mãos de Helen sobre seu rosto e o movimentava para cima e para baixo e, quando a resposta era negativa, fazia o mesmo comando dando movimentos da direita para a esquerda, ensinando para a menina o que estava correto e o que estava errado nas suas respostas. Dessa forma criou uma situação de sinalização do ambiente, de forma que Helen pudesse discriminar a adequação ou inadequação de seus comportamentos.

Anne Sullivan compreendia as limitações de Helen por ter vivenciado o que ela sentia por meio de sua própria deficiência, assim, pode auxiliá-la na sua formação. Anne conseguiu despertar em Helen, por meio de outros canais sensoriais, o desejo de aprender, vencendo o seu isolamento. O vínculo da

professora com a menina facilitou a construção do objetivo e das metas a serem alcançadas.

Percebe-se que há possibilidade em se criar condições para que o comportamento ocorra na forma desejada quando há mudanças no ambiente, e isso só foi possível quando as duas ficaram sozinhas na casa do bosque e Anne teve autonomia sobre os ensinamentos de Helen.

Os pais precisam provocar nos filhos uma independência nas suas atividades diárias, melhorando, assim, a sua autoestima e preparando-os para assumir sua cidadania.

3.4 QUARTA CENA – MOMENTO EM QUE ANNE E HELEN RETORNAM À CASA DA FAMÍLIA KELLER

Helen ganha um cachorro de seu pai e retorna para sua casa e ao convívio com seus familiares. Anne conquista o respeito do Sr. Arthur e diz a ele que “não devemos dar aos filhos um mundo de mentiras, mas apresentar como ele é de
31

verdade, mostrando que ele não é nada fácil e, por isso, temos que nos levantar sempre e todos os dias”.

No primeiro jantar em sua homenagem, Helen, durante a refeição, comporta-se de forma “adequada”, o que surpreende seus pais, mas não demora muito e a menina reage da mesma forma “inadequada” de semanas atrás. A professora, incomodada, pede para retirá-la do local; os pais acham desnecessário fazer isso com a filha. Anne diz que Helen está testando os pais e pede para que eles sejam tolerantes com a filha e que devem ser firmes com a educação dada à menina. Os pais discutem e não entram em um consenso do que será melhor para Helen, que derrama a água que estava na jarra. Anne diz ao pai que se ela fosse uma criança vidente (que enxergasse), ele não apoiaria tal comportamento e, com isso, não percebem que só ela é quem vai sofrer no futuro.

EVENTO ANTECEDENTE

- No primeiro jantar em sua homenagem –
COMPORTAMENTO DE HELEN

- Joga comida no chão
- Come com as mãos
- Suja-se
- Derrama água da jarra

EVENTO CONSEQUENTE

- Chama a atenção →
de todos
- Pais atônitos
- Casa bagunçada
- Provoca discussões entre pais e professora

32

Análise

As duas voltam ao contexto anterior (casa da família Keller), onde ocorriam os repertórios e suas consequências anteriores para o primeiro jantar em comemoração ao retorno de Helen a sua casa.

Anne Sullivan conseguiu meios para modificar o comportamento “inadequado” de Helen, alterando o ambiente e alcançando suas necessidades quanto a um comportamento “adequado”, desejo esse apresentado pela família Keller.

Ao retornarem para ao convívio familiar, os pais reforçam o comportamento “inadequado” de Helen, sendo identificado quando os mesmos em todos os momentos de “indisciplina” da filha permitem que a menina faça o que deseja com todos a sua volta, afirmando sentir “pena” da menina, que já sofria o suficiente por causa da sua deficiência. Mantém-se com isso o seu comportamento “inadequado”, o que permitiu que Helen voltasse a fazer o que fazia anteriormente à intervenção de Anne.

Helen controlava o comportamento dos pais, pois cada vez que causava desordem (comportamento/resposta) em determinado local da casa, era atendida imediatamente (consequência), fazendo com que aumentassem as chances de tal comportamento ser repetido. As atitudes de Helen deixam claro que a frequência das respostas dadas pela criança diante da família aumentava à medida que os pais reforçavam o seu comportamento.

Nota-se, portanto, que todas as vezes que o comportamento “inadequado” é reforçado, sua frequência mantém-se elevada, gerando assim a perpetuação dessa “inadequação” e, além disso, pais estressados.

3.5 QUINTA CENA: O MILAGRE – MOMENTO EM QUE HELEN PRONUNCIA COM DIFICULDADES A PALAVRA ÁGUA

Anne faz com que Helen coloque novamente água na jarra que havia derramado e foi nesse momento que a menina começa a se comunicar com a professora, chegando a pronunciar com dificuldade a palavra Á – G – U – A. Essa palavra poderia já ser conhecida pela menina antes da sua deficiência, que ocorreu quando tinha 18 meses de idade. Em seguida, reconhece sua mãe, pai e consegue se expressar com eles, como também interpretar o mundo a sua volta. Isso emociona a todos ao demonstrar o primeiro carinho a sua professora, que teve tanta dedicação pela menina.

EVENTO ANTECEDENTE

- Sala de jantar

–

COMPORTAMENTO DE HELEN

- Pegar água e colocar na jarra assimilando a palavra ÁGUA que Anne ensinou

EVENTO CONSEQUENTE

- Água na jarra
- Compreensão da relação → entre as palavras e seus objetos
- Aprende a se comunicar com todos da família
- Pais felizes

Análise

No momento da briga, os pais reconhecem a importância dos ensinamentos de Anne para o desenvolvimento da filha e Helen associa as palavras e passa a “ver” o mundo.

A professora despertou nos pais a importância da disciplina (ambiente planejado e sinalizado) para o aprendizado de Helen, pois não existe desenvolvimento se não tiver mudança e, para que ocorra mudança no comportamento, é preciso conscientização e participação de todos da família. Assim, a professora conquistou bravamente o respeito de toda família Keller.

O filme termina com os pais decidindo que a professora deverá continuar com a sua forma de educar sua filha. Helen passou a comunicar-se com seus familiares, não parando mais, e aos 10 anos de idade, segundo sua autobiografia, aprendeu a falar para dizer: “algum dia cursarei uma faculdade”.

34

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Helen era uma pessoa de quem ninguém esperava muito, mas que fez coisas que ninguém imaginou e, com isso, foi contrária a todas as perspectivas de sua família. Anne, por sua vez, tinha a certeza de que Helen poderia aprender, apesar das suas limitações. Mas, para que tivesse êxito, foi preciso a participação de todos da família, como também foi de fundamental importância aproveitar a curiosidade e interesse de Helen que, na época, tinha apenas sete anos, despertando o seu desejo em aprender.

O filme “O Milagre de Anne Sullivan” mostra que Anne não fez algo sobrenatural, mas visto como um milagre por ser um trabalho de grandeza e perfeição, o que causou grande admiração em todos ao aceitar o desafio de ensinar

uma menina surdocega a se comunicar, adaptando-se ao ambiente que vive e podendo interagir com as pessoas a sua volta.

A história de superação é vista não apenas por parte de Helen, mas também em Anne, que mostrou ser capaz de ensinar uma menina surdocega, mesmo sofrendo preconceitos pelo pai da menina, que dizia: “[...] como uma cega vai poder ensinar outra?”. Assim, Anne mostrou que a “linguagem é mais importante para o ser humano do que a luz para os olhos”.

Anne era uma pessoa que pensava à frente do seu tempo, visto que a história ocorre no ano de 1886, e o Behaviorismo foi inaugurado apenas em 1913 em artigos publicados pelo americano John B. Watson (1879/1958). Informação essa que faz questionar não haver necessidade de ser um Psicólogo para fazer uma Análise Funcional do Comportamento, basta apenas despertar no observador o interesse para analisar como funciona determinado comportamento, sendo ele relevante para a observação.

Além de ser uma história inspiradora de coragem e superação, o filme mostra que é de fundamental importância a participação da família nesse processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no resgate da independência e autoestima de uma criança surdocega.

Percebe-se que essas implicações podem refletir de maneira direta nesse ambiente, uma vez que este é constituído por indivíduos com dinâmicas e relações bem diversificadas, cujo funcionamento pode ser modificado a partir de uma alteração em seu ambiente ou em um de seus membros.

uma criança deficiente, evitando seu isolamento social e provocando sua independência, é de fundamental importância para qualquer profissional na área da educação. Isso principalmente quando se trata de uma pessoa surdocega, que tem dois importantes sentidos comprometidos e terá de aprender sobre o mundo a partir dos outros sentidos que lhe restaram.

No decorrer deste trabalho foi possível perceber a importância de se proporcionar a pessoa surdocega oportunidade de efetivo acesso à educação e a vida social. Visualiza-se que os objetivos foram alcançados ao mostrar que a pessoa surdocega pode alcançar o mesmo grau de desenvolvimento que as demais pessoas, mas para isso precisa de estímulos, disciplina, participação da família e um atendimento educacional adequado.

Este trabalho provoca novas inquietações que conduzem a futuros estudos, sobre a acessibilidade, bem como discutir o acesso a educação de pessoas surdocega promovendo a sua comunicação através das suas diversas dificuldades e sua adaptação ao ensino tradicional.

36

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**. São Paulo, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf>. Acesso: 16 maio 2015.

BAUM, William M. **Compreender o Behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BORGES, Nicodemos Batista. **Clínica Analítico-Comportamental**: Aspectos Teóricos e Práticos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CADER-NASCIMENTO, Fátima Ali Abdalah Abdel; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Mediação pedagógica no processo de desenvolvimento da comunicação em crianças surdocegas. **Temas em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 85-96, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2003000200002&script=sci_arttext>. Acesso: 16 maio 2015.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CIRINO, Sérgio Dias. **Sobre o comportamento e cognição**: explorando a variabilidade. Organizado por GUILHARDI, Helio José; AGUIRRE, Noreen Campbell. 1. ed. Santo André-SP: ESETec Editora Associados, 2005.

COIMBRA, Cecília Maria B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 9, n. 3, p. 14-16, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931989000300006&script=sci_arttext&lng=es>. Acesso em: 19 ago. 2015.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida. **Psicologia Aplicada a Educação**. São Paulo: EPU 1986.

DE-FARIAS, Ana Karina C. R. **Análise Comportamental Clínica**: Aspectos Teóricos e Estudos de Caso. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 26. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Alex. Comunicar é preciso: os meios de comunicação do surdocego. **Revista Educação Especial**, n. 15, 2000. Disponível em: <<http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5289>>. Acesso em: 28 maio 2015.

GUSMÃO, Fábio Alexandre Ferreira; MARTINS, Tânia Gonçalves; LUNA, Sérgio Vasconcellos de. Inclusão escolar como uma prática cultural: uma análise baseada

no conceito de metacontingência. **Psicologia da Educação**, n. 32, p. 69-87, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100005>. Acesso em: 28 maio 2015.

HÜBNER, Maria Martha Costa. **Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições referentes**. Org. Maria Martha C. Hubner e Miriam Marinotti. 1. ed. Santo André, SP: ESETTec Editores Associados, 2004.

KELLER, Helen Keller. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.webclinicas.com.br/bioghkeller.asp>>. Acesso: 18 ago. 2015.

MAIA, Shirley Rodrigues. **Aspectos Importantes para saber sobre Surdocegueira e Deficiência Múltipla**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://atendimentoeducacionalespecial.blogspot.com.br/2014/04/diferencas-entre-surdocegueira-e-dmu.html>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

_____; ARÁOZ, Susana Maria Mana de. A surdocegueira: saindo do escuro. **Revista Educação Especial**, n. 17, 2001. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5199>>. Acesso em: 28 maio 2015.

MARRA, Sumaia Barbosa Franco; PIAU, Eder Teixeira. Educação para pessoas surdocegas e as produções científicas como apoio teórico-prático. **Encontro de Pesquisa em Educação**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistajuridica.uniube.br/index.php/anais/article/view/309>>. Acesso em: 26 maio 2015.

MASINI, Elcie F. Salzano; TEODORO, Célia Maria; NORONHA, Lucélia F. F.; FERRAZ, Rosana B. Concepções de professores do ensino superior sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro docentes. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 88, n. 220, p. 556-573, 2007. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1220>>. Acesso em: 8 nov. 2015.

MATOS, Maria Amélia. Análise funcional do comportamento. **Estudos de Psicologia**, v. 16, n. 3, p. 8-18, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/estpsi/v16n3/a02v16n3.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2015.

MOREIRA, Márcio Bprges; MEDEIROS, Carlos Augusto. **O Behaviorismo Radical de Skinner**. Princípios Básicos de Análise do Comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2007.

O MILAGRE de Anne Sullivan. Direção de Nadia Tass. Roteiro: Arthur Penn. Música: learning To Sign, por William Goldstein (google Play • Itunes • Emusic). Eua: Licença Padrão do Youtube, 2000. (012830 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://youtu.be/9Zqn_pHoni0>. Acesso em: 27 maio 2015.

OLIVIA, Vitor Hugo Sambati; VIANNA, Andréa; LOTUFO NETO, Francisco. Cinematerapia como intervenção psicoterápica: características, aplicações e identificação de técnicas cognitivo-comportamentais. **Revista de psiquiatria**, v. 37, 38

n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-60832010000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 maio 2015.

RODRIGUES, Maria Ester. Behaviorismo: mitos, discordâncias, conceitos e preconceitos. **Revista de Educação**, p. 141-164, V. 1, n. 2 jul./dez. 2006. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/.../190>. Acesso em: 16 maio 2015.

SÁ, Sumaia Midlej Pimental; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Rev. bras. crescimento desenvolvimento humano**, v. 16, n. 1, São Paulo, 2006 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010412822006000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 maio 2015.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Contingencias de Reforço**: uma análise teórica. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1975.

_____. **Ciência e Comportamento Humano**. Tradução: Joao Cláudio Todorov, Rodolfo Azzi. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Questões Recentes na Análise Comportamental**. Tradução: Anita Liberalesso Neri. 3. ed. Campinas-SP: Papirus, 1991.

SOUZA, Deisy das Graças de Souza. **O que é contingência?** Texto extraído do livro Sobre Comportamento e Cognição – aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista. Org. Roberto Alves Banaco. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2001. Disponível em: <www.itcrcampinas.com.br/txt/texto_deisy.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

SOUZA, Silva Regina; HAYDU, Verônica Bender (organizadoras). **Psicologia Comportamental Aplicada: avaliação e intervenção nas áreas do esporte, clínica, saúde e educação.** Londrina: Eduel, 2009.

TATEISHI, Bruno; SANTOS, Irinete; JINHUI, Zhang. Inclusão em Educação: caminhos, políticas e práticas, a inclusão de portadores de surdocegueira, número 24. **Revista Pandora Brasil**, 2010. Disponível em: <revistapandorabrasil.com/revista_pandora/inclusao/inclusao_portadores.p>. Acesso em: 26 maio 2015.

TEIXEIRA, Adélia Maria Santos; **Sobre o comportamento e cognição:** explorando a variabilidade. Organizado por: GUILHARDI, Helio José; AGUIRRE, Noreen Campbell 1. ed. Santo André-SP: ESETec Editora Associados, 2005.

VASCONCELOS, L. A. **Brincando com Historias Infantis:** uma contribuição da Análise do Comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens. 1. ed. Santo André: ESEtec, 2006.

WEBER, Lidia. **Eduque com carinho.** 5. ed. Curitiba/Paraná: Juruá, 2014.

39

_____; SALVADOR, Ana Paula; BRANDENBURG, Olivia. Programa de **Qualidade na Interação Familiar:** manual para aplicadores. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2011.

40